

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Galeria dos Brasileiros Ilustres: escrita biográfica e imaginário nacional na consolidação do Império do Brasil (1840-1860)

Leandro Augusto Martins Junior¹

Resumo: Em um momento duplamente caracterizado pelo uso da História como via de legitimação dos Estados Nacionais e pelo reconhecimento da mesma como um saber disciplinar, o século XIX assiste igualmente a ampliação do debate acerca da relação entre os gêneros histórico e biográfico. Entre aceitações e repúdios, tal proximidade foi ainda caracterizada por se inscrever, em terras brasileiras, na construção de um projeto de nação baseado no princípio monárquico de governo, e em valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime então instaurado. Em tais temporalidades, o francês Sebastião Augusto Sisson produz sua *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (1859-1861), obra por nós entendida como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador e difusor da memória e da identidade da nação brasileira. Pretende-se, então, investigar e caracterizar o lugar de tais textos biográficos nessas estratégias discursivas, promovendo, em especial, uma discussão acerca do uso e significação dos conceitos de herói, ordem e civilização, entre os esforços investidos da tarefa de elaborar os retratos de papel e letras daqueles personagens cujas vidas individuais vieram a ser tomadas como referenciais para a escrita de uma história da nação, em tempos de vigência do princípio monárquico de governo.

Abstract: In this article, we will try to analyze the workmanship of Sebastião Augusto Sisson named “Gallery of the Illustrious Brazilians” (1859-1861). This is understood for us as manifestation of the use of the biography in the quality of founding and diffusing speech of the memory and the identity of the Brazilian nation. It is intended, then, to investigate and to characterize the place of such biographical texts in these speech strategies, arguing the uses and meanings of the hero, order and civilization as concepts invested in the task to elaborate pictures of paper and letters of personages whose individual lives had been taken as examples for the writing of a history of the Brazilian nation.

Introdução

Ao longo do presente trabalho, buscaremos analisar as imagens de nação presentes em narrativas biográficas publicadas na *Galeria dos Brasileiros Ilustres* (1859-1861), obra de autoria do francês Sebastião Augusto Sisson, em tempos de vigência do

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHIS/UERJ)

Império do Brasil, destacando-se, particularmente, a caracterização de valores políticos, como a defesa do princípio monárquico de governo e da perspectiva centralizadora.

Entre os meios e materiais de configuração de registros de memória fundadores do ideário nacionalista do império do Brasil, as biografias vieram também a ser, nas suas apropriações, espaços onde se materializam “narrativas da nação”. Pretende-se, então, investigar e caracterizar o lugar dos textos biográficos nessas estratégias discursivas, promovendo, em especial, uma discussão acerca do uso e significação dos conceitos de herói e ordem monárquica, entre os esforços de letrados investidos da tarefa de elaborar os retratos daqueles personagens cujas vidas individuais vieram a ser tomadas como referenciais para a escrita de uma história da nação, em tempos de vigência do princípio monárquico de governo, e de busca pela implementação e manutenção do projeto centralizador e unitarista na consolidação do Estado e da nação.

Utilizando-nos dos caminhos apontados por Reinhart Koselleck no que diz respeito à análise de discursos e conceitos, buscaremos, então, compreender a diligência narrativa dos nossos biógrafos e o uso dos significados de “herói”, “nação” e “ordem monárquica” em seus espaços e interesses de criação e/ou propagação, ou seja, de consolidação do Império do Brasil.

Tais conceitos são aqui entendidos e analisados a partir da chave elaborada por Koselleck, que atribui ao contexto – seja o de gênese, seja o de posterior resignificação – papel central na elaboração e compreensão do conceito: “(...) esse texto maior, no qual o termo se insere, articula-se a um contexto ainda mais ampliado para além do próprio texto escrito ou falado. O que significa dizer que todo conceito está imbricado em um emaranhado de perguntas e respostas, textos/contextos” (KOSELLECK, 1992: 137).

Do mesmo modo, se fará interessante, para além de necessário, comparar as diferentes formas de “panteonização” promovidas por esta galeria de grandes homens, buscando salientar os valores e feitos que atestaram a estes últimos o selo da exceção, livrando-os do olvido da posteridade e os moldando em celebridades exemplares, verdadeiros referenciais pedagógicos.

Temos, então, uma coleção de textos biográficos que, na nossa compreensão, apresenta algumas possibilidades de análise. Sua apreciação deve ultrapassar a produção em si: há que se olhar o século XIX, o Brasil imperial – tempo e espaço de produção de ambas – as condições e interesses que *(in)formaram* a elaboração destes escritos, enfim, o seu *lugar social*:

Levar a sério o seu lugar não é ainda explicar a história. Mas é a condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser nem legendária (ou “edificante”), nem atópica (sem pertinência). Sendo a denegação da particularidade do lugar o próprio princípio do discurso ideológico, ela exclui toda teoria. Bem mais do que isto, instalando o discurso em um não-lugar, proíbe a história de falar da sociedade e da morte, quer dizer, proíbe-a de ser a história. (CERTEAU, 2002:77)

A reflexão sobre tais escritos biográficos será norteada pela busca do entendimento dos usos destas produções como espaços de difusão de “vultos de nação”, a partir da exposição da vida de homens tidos como ilustres e exemplares dentro da noção de “comunidade nacional” (Anderson, 1991).

Faz-se importante ainda frisar que não é pretensão deste trabalho estabelecer correlações de causalidade ou de sobredeterminação entre fatores de ordem política e social e os usos da biografia na produção dos grandes vultos nacionais. A questão a orientar a leitura e análise destas obras diz respeito às condições e mecanismos intelectuais que presidiram a elaboração desses panteons de notáveis brasileiros, examinando como esses ilustres foram convertidos em “atores históricos” inscritos, portanto, no relato da construção de uma história e de uma memória nacionais.

Assim, frente às colocações até aqui feitas, os objetivos deste trabalho podem ser construídos a partir de alguns questionamentos, a saber: de que modo tal produção foi feita e/ou utilizada para a consolidação de determinado projeto nacional, notadamente monárquico, centralizador e unitarista? Como a exposição da vida de “homens ilustres” obedeceu ao intuito de apresentar à “comunidade nacional” exemplos de comportamento, valores e, certamente, determinadas opções políticas? Quais eram os feitos e valores possuídos por estes varões que lhes abriram as portas destes panteons nacionais?

Galeria de Sisson: penas a serviço da Nação

Dentre os muitos usos feitos dos escritos biográficos, interessa-nos aqui dimensioná-los como prática narrativa fundadora de valores identitários, não só os do biografado, mas como também, a despeito da enorme diversidade, de identidades coletivas, em muitos aspectos associadas ao caráter pedagógico das lições que poderiam vir a ser apreendidas e monumentalizadas por intermédio dos feitos e realizações do protagonista central da trama. Neste sentido, ganha destaque a figura do *herói*, um indivíduo que, por seus bons feitos, perfeitamente adequados aos valores e códigos sociais, é tomado como o exemplo a ser seguido tanto por seus contemporâneos, quanto pela posteridade.

Este modelo de virtuose do *herói* veio a ser utilizado por diversos dirigentes e intelectuais ao longo da vigência do Estado Imperial brasileiro (1822-1889)², interessados na elaboração de discursos e narrativas que pudessem veicular valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime monárquico então instaurado.

Entre os sócios do IHGB, João Manuel Pereira da Silva (1817-1897) dedicou-se à escrita de uma obra biográfica, com publicação fora do espaço da *Revista* do Instituto: o *Plutarco Brasileiro*, cuja primeira edição, de 1847, seria revisada pela primeira vez em 1856, sob o título de *Os varões illustres, durante os tempos coloniaes*, e novamente em 1868, sendo mantido o nome da reedição anterior. Em seu prefácio, o livro, composto por 20 biografias, é apresentado como “*a historia do Brazil em algumas épochas*”, para o qual o historiador afirma ter optado pela forma biográfica “por lhe parecer que narrando a historia dos homens illustres do seu paiz conjunctamente com a dos grandes successos, que tiveram logar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores” (SILVA, 1847:vii-viii).

A história nacional, construída a partir das ações de seus ilustres varões, era então entendida como uma diligência narrativa eficaz na elaboração de estandartes de patriotismo, reforçando a perspectiva pragmática e pedagógica através da qual esse saber devia ser produzido. Não obstante as críticas recebidas por suas lacunas e inexatidões, as biografias dos homens notáveis do Brasil colonial inauguram uma série de “panteons de papel” similares que se multiplicam ao longo do século XIX, em produções independentes e externas ao IHGB.³

Cerca de vinte anos após a fundação do Instituto Brasileiro, o francês Sébastien Auguste Sisson (1824-1893) organizou a sua “*Galeria dos Brasileiros Ilustres*” que, editada entre os anos de 1859 e 1861, tinha por objetivo maior apresentar à Nação brasileira biografias de homens que, senhores dos mais nobres valores e ações, deveriam ser tomados como padrão por seus compatriotas. Nas palavras do próprio autor, sua obra buscava “(...) ver perpetuadas a memória de seus heróis e varões beneméritos, por meio de uma justa satisfação aos leitores contemporâneos, na forma de um tesouro precioso reservado para a posteridade” (SISSON, 1999:13).

² Não obstante o esforço romântico de buscar entender o sujeito em sua singularidade, “(...) valorizando o indivíduo naquilo que o distingue do outro” (GUINSBURG, 2005), o século XIX foi palco do florescimento de análises sócio-históricas que tomaram o indivíduo somente enquanto uma pequena parte do todo. No caso destes autores que escreveram biografias pedagógicas e ufanistas no período imperial brasileiro, seus protagonistas, se tinham validade, era por terem realizados ações que julgava-se deverem ser pilares forjadores de um Nação ainda em formação.

³ Uma das principais críticas à primeira versão da obra foi a sua desorganização cronológica. Com o objetivo de corrigir esta falta, em sua segunda versão, Pereira da Silva ordena a sua galeria de varões ilustres, começando no século XVI e terminando no final do XVIII.

Assim norteado, o esforço literário de Sisson se faz a partir da tentativa de moldar estes personagens exemplares em verdadeiros *heróis* nacionais, conceito que comportava em si determinado grau de pedagogia: estes indivíduos, tanto por seus “bons feitos” – perfeitamente adequados aos valores e códigos sociais – quanto, e ao que nos parece, principalmente por compartilharem da ordem monárquica nacional então vigente, traziam consigo o estandarte da exemplaridade, devendo ser tomados, por isso, como parâmetros a serem abraçados por seus contemporâneos e pela posteridade.

Ao biografar “homens notáveis”, Sisson buscava não só prestar uma justa homenagem aos mesmos, mas como também, e principalmente, propiciar “(...) um incentivo poderoso, que convida os filhos a seguir os exemplos dos pais, e que faz suceder por novos os antigos beneméritos” (SISSON, 1999:13). Através do trabalho de escrituração biográfica, os grandes nomes ilustres se convertiam, assim, em personagens da história da nação, o que, no caso específico da presente galeria, abrangeria o registro da história do tempo presente do Império⁴, por meio da consignação de seus homens célebres.

Deste modo, composta por dois volumes, em um total de 89 biografias, a galeria de Sisson é repleta de “*homens ilustres*” que, cada qual em suas funções e ações, apresentavam-se enquanto figuras de destaque dentro da sociedade imperial brasileira. Nessas narrativas, mais do que a preocupação em apresentar trajetórias de vida, houve uma ênfase em enaltecer o que tais personagens realizaram ou estavam por realizar em prol da construção do Estado e da Nação.

O primeiro traço marcante da *Galeria dos Brasileiros Ilustres* se explicita no próprio título: o termo *galeria* está intimamente ligado à idéia de *imagem*. Assim, as efígies dos “homens ilustres” são representadas não somente pela narrativa (biografia), mas como também através de retratos (litografia). Como norte de ambas, temos a busca da imortalização desses varões e de suas ações.

Como regra, todos os seus biografados eram estadistas, e era como tal que a maioria deles se destacava. Através da política, estes homens proeminentes davam sua grande contribuição ao desenvolvimento da Nação. Fosse no Senado, na Câmara dos Deputados, na pasta de algum Ministério ou em algum outro cargo político-administrativo, suas atuações eram primorosas e voltadas nomeadamente para o progresso do país.

No entanto, alguns dos biografados se mostravam exemplares através de ações efetuadas em outras áreas – que, no entanto, igualmente se apresentavam necessárias ao

⁴ Na introdução de sua obra, Sisson expõe seu objetivo de narrar e apresentar as vidas dos homens ilustres do cenário político do país “desde a Independência”, ou seja, de tempos imperiais. *Ibidem*, p.14.

progresso da Nação. É o caso de Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá, cuja presença na galeria de Sisson foi assegurada menos por sua atuação como deputado na década de 50, do que como empreendedor comercial: a autoria da construção da primeira via férrea do Brasil, e de tantas outras, lhe garantiu o posto de *herói* nacional.

Ao biografar “homens notáveis”, Sisson buscava não só prestar uma justa homenagem aos mesmos, mas como também, e principalmente, propiciar “um incentivo poderoso, que convida os filhos a seguir os exemplos dos pais, e que faz suceder por novos os antigos beneméritos” (Sisson, 1999:14). Explicita-se, então, a exemplaridade e o caráter pedagógico do *herói*. Da mesma forma, os contemporâneos se sentiriam orgulhosos de pertencerem à mesma Nação, igualmente altiva, destes varões: “A Nação, como a família, se apraz de conservar indelével a imagem e a figura de seus membros mais distintos” (Sisson, 1999:14)

É interessante notarmos que, se por um lado estes biografados são apresentados como “grandes homens” devido às suas próprias ações, por outro sua importância para a Nação se dá somente enquanto partes integrantes e forjadoras desta. Nas palavras do nosso autor, “as biografias dos homens notáveis e eminentes de um país são páginas soltas do grande livro da história dele” (Sisson, 1999:15).

Na verdade, a vida destes ilustres era toda preenchida de sucessos, muitos realizados ainda na mocidade. Todos haviam sido jovens prodigiosos, sendo a coragem, honestidade, determinação e integridade qualidades presentes nestes homens desde cedo.

Dado relevante é a contemporaneidade existente entre o trabalho de Sisson e seus biografados: a coletânea se faz a partir da apresentação de personagens ou ainda vivos, ou – no caso de falecidos – responsáveis por feitos e idéias ainda presentes e influentes no cenário imperial brasileiro de inícios da década de 60. Honório Hermeto Carneiro Leão, o marquês do Paraná, por exemplo, que morrera em meados de setembro de 1856, figurou na Galeria dos Brasileiros Ilustres como o primeiro dos oitenta e nove homenageados, dado que pode ainda nos indicar, dentre outras referências, a força possuída pela *teia de Penélope saquarema* (MATTOS, 2004).

Um segundo aspecto que parece estar presente na vida de todos os biografados de Sisson é a defesa de pressupostos então entendidos como garantidores da soberania nacional, em particular, o regime monárquico, a centralização político-administrativa e a integridade territorial.

Assim, não obstante a “independência” política que estes grandes homens pudessem ter, de uma forma geral, os biografados possuíam boa relação com o governo

imperial. O próprio Sebastião Augusto Sisson se vangloriava de ter bom arrolamento com D. Pedro II: “(...) muito nos honra a distinção com que Sua Majestade o Imperador o Senhor Dom Pedro II se dignou de tomar debaixo de sua imediata proteção especial a Galeria dos Brasileiros Ilustres” (SISSON, 1999:15)

O Imperador é vangloriado em todas as suas ações; seu nascimento é tratado como um bem para a Nação; seu governo, festejado em comparação à regência de seu pai, D. Pedro I, que, segundo Sisson, não teria se preocupado em conter os “excessos do monarquismo”. D. Pedro II é apresentado ainda como o maior responsável pela vitória de um projeto de liberdade e patriotismo desenvolvido anteriormente por homens como os “inconfidentes das Minas Gerais” (1789) e os integrantes da Confederação do Equador (1824).

Sua mulher, D. Teresa Cristina Maria, é, se possível, ainda mais laureada por Sebastião Augusto Sisson. No entanto, tal celebração se dá segundo uma diretriz distinta. Enquanto o soberano é valorizado, sobretudo, em sua atuação política, são as qualidades de uma espécie de “mãe da pátria” que perfilam o retrato da imperatriz: trata-se de uma mulher bondosa, acolhedora, “protetora desvelada do povo”, além de ótima esposa e profundamente religiosa.

Notamos ainda que o local de nascimento não se mostrava como condição primeira tanto para definir pertencimentos à comunidade nacional, quanto para se fazer presente na obra de Sisson, ele mesmo um estrangeiro. Os feitos destes grandes homens, ao beneficiarem a nação brasileira, faziam com que o “país e sua gente” os acolhessem de forma amistosa e generosa, tomando-os como “legítimos filhos da pátria Brasil”. É o caso, por exemplo, de Eusébio de Queirós que, nascido em São Paulo de Luanda, tornou-se um “verdadeiro brasileiro” em decorrência de suas ações em prol da soberania nacional, leia-se a abolição do tráfico intercontinental de escravos.

O reconhecimento social por estes ilustres varões era amplo, materializado pela grande quantidade de condecorações e homenagens por eles recebidas. Todos estes *heróis* nacionais foram agraciados com ao menos uma das mais importantes distinções de sua época. Não se mostrava em exceção, inclusive, que muitos destes homens fossem venerados no exterior, como é o caso de Honório Hermeto Carneiro Leão, o Marquês de Paraná, condecorado com a Carta real de S.M.D. Pedro V de Grã-Cruz da Real Ordem Militar Portuguesa (1856).

Seus próprios inimigos reconheciam suas inúmeras virtudes. Vejamos, por exemplo, o que Sisson afirma sobre o púbere chefe de polícia Eusébio de Queiros Coutinho Matoso Câmara:

No Senado, o marquês de Barbacena exaltava a nova atividade da polícia na Câmara dos Deputados, os membros de partidos opostos elogiavam o jovem chefe de polícia. O Senhor Vasconcelos, então ministro, Marinho, Otoni e Limpo, de idéias inteiramente opostas, o elogiavam. (Sisson, 1999:24)

Deste modo, ao biografar “homens ilustres” do século XIX brasileiro, Sebastião Augusto Sisson forjou suas memórias e colocou-as como patrimônios da nação brasileira. Suas vidas eram verdadeiros exemplos comportamentais para a sociedade deste país que buscava se fazer civilizado e moderno.

Foi e é nossa idéia bosquejar somente, sob o ponto de vista histórico, a vida e o caráter dos homens que se têm ilustrado no belo Império americano; desenhar as principais figuras, que têm deixado vestígios de sua passagem neste país e em sua cena política desde a Independência até os nossos dias; em uma palavra, apresentar os quadros e a história do Brasil neste período, expondo, a par dos retratos, os feitos de seus varões que mais se têm distinguido. (SISSON, 1999:15).

Isto posto, devemos reiterar o nosso entendimento acerca da *Galeria dos Brasileiros Ilustres* como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador (ORLANDI, 1993) e difusor da memória e da identidade da nação brasileira, e ainda salientar que o modelo de virtuosidade do *herói* atribuído por Sisson a seus biografados veio a ser utilizado por diversos dirigentes e letrados ao longo da vigência do Estado Imperial brasileiro, interessados na elaboração de discursos e narrativas que pudessem veicular valores e práticas de um certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime monárquico então instaurado.

Conclusão

Em um período triplamente caracterizado pelo uso da História como via de legitimação dos Estados Nacionais, pelo reconhecimento da mesma como “disciplina científica” e pela ampliação do debate acerca da sua relação com a Biografia, inúmeras produções biográficas foram elaboradas em terras brasileiras de tempos imperiais a partir de esforços de intelectuais cujo norte principal se remetia à construção e propagação de um projeto de nação, baseado no princípio monárquico de governo, e em valores e práticas de um

certo imaginário nacional garantidor, entre outros aspectos, do caráter unitarista e centralizador do regime então instaurado.

Coleção de biografias que fomentaram a construção de galerias de ilustres, cada qual em suas características e possibilidades, narraram as vidas de brasileiros notáveis com a função de fornecer exemplos patrióticos em tempos de vigência monárquica em terras brasileiras. Como exemplo de tais obras, temos *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, erigida pelo francês Sebastião Augusto Sisson, produção por nós entendida como manifestação do uso da biografia na qualidade de discurso fundador e difusor da memória e da identidade da nação brasileira que, se por um lado já apresentava minimamente consolidada sua unidade territorial e política, por outro ainda buscava garantir o sucesso de um projeto civilizatório, da ordem e do progresso.

Através “*da pena*” destes biógrafos, os “homens de exceção” do Brasil, após uma seleção meritocrática, puderam ser salvos do olvido do passado, sendo suas vidas narradas em glórias e suas ações interpretadas como símbolos de conduta por seus compatriotas. Tais ilustres são, assim, convertidos em “atores históricos” inscritos, portanto, no relato da construção de uma história e de uma memória nacional.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflections on the origin an spread of nationalism. Revised edition. London-New York, Verso, 1991.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- GUINSBURG, Jacó. (org). *O Romantismo*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- KOSELLECK, Reinhart. “Uma História dos Conceitos”: problemas teóricos e práticas. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 134-146.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. A formação do estado imperial. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- ORLANDI, Eni Puccineli (org.). *Discurso fundador*. A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.
- SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1847. 2 vols.

- Sisson, Sebastião. A. *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Brasília: Senado Federal, 1999. 2 vols.